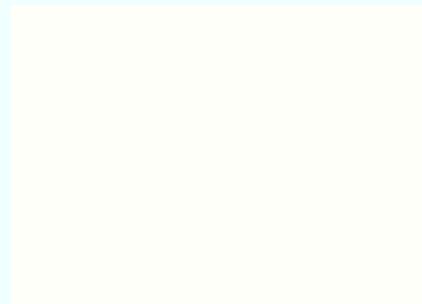


DIÓGENES DALTON FAYAN

JIU-JITSU: UM RESGATE HISTÓRICO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPINAS
DEZEMBRO - 2000





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Jiu-Jitsu: Um Resgate Histórico

Diógenes Dalton Fayan

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção
do título de licenciatura plena em Educação Física.

Orientador: Prof^o Dr^o José Júlio Gavião de Almeida

Campinas
2000



Agradecimentos:

Agradeço a Deus, acima de tudo, por tudo o que fez e ainda faz por mim...

Agradeço a meu pai e minha mãe por estarem presentes na minha vida, sempre me apoiando em todos os momentos...

Agradeço a minhas irmãs, por estarmos sempre unidos...

Agradeço aos professores que contribuíram para minha formação, não apenas acadêmica, mas para a vida...

Agradeço ao meu orientador, Gavião, pelo auxílio na elaboração desta monografia...

Agradeço aos meus amigos, pela amizade e companheirismo, nas boas e más horas – Thiago, meu velho, um abraço !

Muito obrigado a todos !!!

Índice:

Introdução	pag. 01
A origem das artes marciais: origem do jiu-jitsu	pag. 05
A chegada e expansão do jiu-jitsu no Brasil	pag. 21
A saída do Brasil e a expansão no exterior	pag. 29
A esportivização do jiu-jitsu	pag. 32
Regras de competição e caracterização de posição	pag. 33
O jiu-jitsu atualmente: rumos	pag. 36
Discussão final	pag. 38
Bibliografia	pag. 39

Introdução:

A Educação Física consiste de um vasto universo, muito rico em possibilidades no que se refere à construção de um repertório motor em conjunto com a consciência corporal dos alunos. Percebe-se nitidamente que os conteúdos a serem tratados devem ser cuidadosamente escolhidos, e mais ainda, abordados adequadamente afim de que proporcionem a maior contribuição possível ao repertório cognitivo motor do aluno.

Dentre esses conteúdos citados se encontram as artes marciais, que se encontram em grande evidência, haja vista o número cada vez maior de academias proliferando em nosso país. Infelizmente, paralelamente se observa um fenômeno inverso, que é a escassa informação disponível a respeito de sua prática, sendo que a mesma muitas vezes chega ao leitor de forma distorcida, descontextualizada de sua idéia central filosófica, que é a essência da arte. A grande maioria pensa em artes marciais como fabulosas técnicas de lutas, que possibilita às pessoas derrotarem em segundos gigantes de músculos apenas com golpes traumáticos, em regiões mortais. É grande o número de pessoas que procuram as academias com o objetivo de se tornarem “boas de briga”, acreditando que com o aprendizado das técnicas marciais, poderão machucar seus inimigos, graças a golpes ensinados pelos professores especializados.

A experiência tem mostrado que a maioria dos recém chegados às academias possuem medo de seus semelhantes, e acreditam que se forem capazes de derrotar os outros fisicamente, estes temores desaparecerão. Daí a noção do “faixa preta” ser um

cidadão perigoso com quem devemos ter cuidado, pois qualquer mal entendido poderá nos causar fraturas desagradáveis.

É claro que o conceito de arte marcial é muito mais amplo, como poderá ser visto no próximo capítulo; a maioria tem em seus princípios a paz e não a luta, tendo como objetivo primordial a formação de uma personalidade sadia, do indivíduo útil à sociedade e a si mesmo. Evidentemente as artes marciais são um excelente método de defesa pessoal, fisicamente falando, porém muito mais importante que a segurança física é a segurança psicológica e outras que deverão construir um desenvolvimento motor adequado.

Se as praticas marciais fossem somente uma defesa física, não teriam razão de ser, pois o maior dos faixas pretas se torna frágil diante de um revólver carregado e, ironizando, melhor seria treinar “tiro ao alvo” do que perder litros de suor e anos de sacrifícios pelos tatames existentes, hoje, em todo o mundo.

Sabendo desses princípios, e associando-os à minha vivência na prática de jiu-jitsu foi que resolvi desenvolver este tema nessa monografia de conclusão de curso, primeiramente com o intuito de fortalecer os referenciais existentes, e segundo devido à grande afinidade com o assunto. Quanto à escolha do jiu-jitsu como tema, percebo que como praticante dessa arte marcial há muita desinformação sobre ela, fatalmente associada com a briga de rua, ou ao vale tudo. Estudando mais profundamente o assunto, vejo que é compreensível essa associação, pois os próprios criadores do jiu-jitsu brasileiro, o mundialmente famoso “Brazilian Jiu-Jitsu”, brigaram em ringues ou ruas, em vales tudo improvisados para defenderem a arte suave como técnica eficaz de combate. Se por um lado esse foi o meio encontrado para propagarem a eficiência

do jiu-jitsu, fato realmente ocorrido, por outro contribuiu muito para que hoje a imagem do mesmo esteja associada a estes eventos, em decorrência desse caráter intrínseco dos antigos praticantes. Talvez esta forma de desenvolvimento tenha sido importante para seu engrandecimento naquele momento. Entretanto, é necessária a avaliação crítica para a percepção de que este é um quadro que deve ser mudado, revertendo a postura de alguns lutadores de jiu-jitsu, responsáveis pela grande imagem desta modalidade. O contrário pode desencadear uma degradação de toda uma imagem construída com muito esforço e competência.

Hoje em dia o que se procura é separar a imagem do jiu-jitsu das brigas, o que está sendo difícil devido às famosas gangues de lutadores, e ocorrências diversas envolvendo praticantes. Porém é importante salientar que os mesmos representam uma minoria, que orientada por professores mal formados tendem a incutir uma ideologia de violência nos seus alunos, na qual “não pode levar desaforo pra casa”, e está totalmente distorcida da realidade de uma arte marcial.

Assim, penso que essa monografia virá a esclarecer uma série de questionamentos a respeito do jiu-jitsu que ficam embaçados pelo que a mídia ou literaturas não especializadas divulgam (que quem pratica se torna agressivo, que incita à violência, entre outros) demonstrando sua real origem, a chegada e expansão no Brasil, e posteriormente no mundo inteiro. Também cabe nessa monografia alguns apontamentos sobre a realidade atual do jiu-jitsu, e os futuros rumos que a modalidade pode vir a trilhar, atentando para as possíveis conseqüências desses fatos.

Acredito ser de grande valia este trabalho de monografia, não somente para os leigos no assunto, mas principalmente para os estudantes de educação física, que

terão acesso ao conhecimento dessa arte marcial fascinante, que tem um caráter totalmente brasileiro, como pode ser observado em sua história.

A Origem das Artes Marciais: Origem do Jiu-Jitsu:

Por todo o Oriente, e mesmo na China, já deveriam existir pessoas que praticavam Artes Marciais. A necessidade de se usar o corpo como defesa da vida, era naqueles tempos uma questão de vida ou morte.

Evidentemente que o karatê japonês e o jiu-jitsu receberam influência chinesa. Basta assistirmos a uma demonstração de kung-fu, e em seguida, uma das outras duas artes citadas, para que qualquer observador mais atento possa estabelecer este paralelo. Conforme vamos ver a seguir no Japão do século XII, existia dezenas de lutas, o jiu-jitsu, o ken jitsu, o kempo, o aiki-jitsu, este último sendo a grande base do aikido e o único que recebeu pouca influência chinesa.

O sumô, luta Japonesa, onde os lutadores são bastante obesos e pesados forneceu, juntamente com o jiu-jitsu, a base para a síntese de Jigoro Kano, fundador do judô e da Kodokan.

Os samurais eram guerreiros famosos que conheciam as técnicas de espadas e o jiu- jitsu antigo bem como o aiki- jitsu, que era ensinado nos “clans”.

Porém mesmo naqueles tempos, eram poucos os que tinham determinação e a paciência para estudarem com dedicação, até conhecerem os profundos segredos das artes.

Atualmente no Japão as principais lutas são o judô, o karatê, o aikido, o jiu-jitsu, o sumo, o ken-do e o kempo. O judô e o karatê são bastante conhecidos do público ocidental. O jiu-jitsu (jiu significa flexível, e jitsu caminho), também chamado de “arte suave” é uma reunião de golpes de desequilíbrio, chaves e torções,

combinados com atemis (golpes em regiões vulneráveis do corpo). O kempo é uma espécie de kung- fu à japonesa, e o kendô é uma remanescência, é a versão moderna da luta de sabres, onde os competidores usam uma espécie de armadura, e espada de bambu em tiras, chamada de “shinai”.

Diante das ameaças que sofria por parte dos animais ferozes na época pré-histórica, o homem ao tentar elaborar sistemas de defesa para com eles lutar, começou por imitá- los, adaptando para si, movimentos de ataque e de defesa semelhantes aos utilizados pelas feras. Cada povo fez sua tradição marcial (Waza e Shin). Evidentemente que com o surgimento de armas de fogo, altamente desenvolvidas, os Wazas (técnicas), deixaram de ter importância prática em termos de guerra. Por outro lado, com o consumismo exagerado dos tempos modernos, com certa degradação de valores importantes, segundo SEVERINO (1988) o espírito das Artes Marciais, (Shin), através do caminho marcial, (Budô), passou a ser uma das terapias mais indicadas para recolocar o ser humano em sua posição de equilíbrio natural. O consumismo japonês, do século XIX provocou o superficialismo e alterou o espírito nipônico.

Em apenas trinta anos, a sociedade modificou-se muito mais do que nos cinco séculos anteriores. Por esta razão é que alguns japoneses, cientes da catástrofe por que passava o povo em função da verdadeira ilusão com o deslumbramento das coisas do ocidente, fizeram, no final do século passado e no início deste século, um grande empenho em manter o espírito do Budô, o das artes marciais antigas, (Jitsu), e das várias escolas, (Ryu), com seus caminhos morais e filosóficos de vida, (Do). Isto visando não perder aquele espírito japonês maravilhoso, que hoje é reconhecido e

admirado por todos os povos. Assim surgiu o judô, o karatê, o kendo, e mais recentemente o aikido.

Na antiga Índia, cuja origem se perde a mais de 500 anos A.C. surgiu uma luta marcial cujo nome em sânscrito era “Vajramushti” cuja tradução literal significa “punho real”, ou “direto”. Era uma arte guerreira, segundo SEVERINO (1988), desenvolvida pela casta marcial da Índia chamada Dshastra. Era, e ainda é, uma arte marcial que se desenvolve simultaneamente como práticas de meditação e estudos dos antigos clássicos da Índia, como os Purana Veda e Gita.

Tinha por objetivo o desenvolvimento espiritual, físico e de defesa pessoal, sendo que nas origens do Budismo era ensinada junto com as técnicas de meditação. Sakyamuni, o Buda, era um príncipe e como tal pertencia à classe guerreira dos Dshastra e aprendeu o Vajramushti como parte de sua educação militar.

Mais tarde, também como guerreiro, ensinava o Vajramushti, visando a unificação da mente com o corpo. Embora Buda o ensinasse como uma prática ascética, que visava a vivência dos preceitos budistas, os monges que se tornaram seus discípulos, o apreciavam também, como um recurso para defesa pessoal para enfrentar os perigos daqueles tempos em suas peregrinações. Quase mil anos depois da morte de Buda, Bodhidharma, que era filho do Rei Sughandá e portanto, príncipe, aprendeu o Vajramushti de um velho mestre chamado Prajnatará.

Tendo se tornado o vigésimo oitavo patriarca do Budismo, viajou à China a convite do imperador, Ling Wu Ti, que era um admirador do Budismo. Porém, Wu Ti era seguidor de uma linha nova no Budismo, com características ritualísticas-salvacionistas, contrárias às do Bodhidharma, que pregava a meditação e busca

interior. Por esta razão ele viajou ao reinado de Wei e hospedou-se no templo Shaolin.

Segundo cita BULL (1995), valorizando o Vajramushti como auxiliar do homem em sua busca interior, os monges budistas se desenvolveram enormemente nesta arte marcial e o templo Shaolin ficou mais famoso como centro de artes marciais do que de budismo. Efetivamente, o Vajramushti era, no templo Shaolin, ensinado em segredo, devido ao seu poder como arte marcial, e as técnicas somente eram ensinadas às pessoas que entendessem o conhecimento de seu verdadeiro significado.

Ainda segundo BULL (1995), teria ocorrido uma cisão nos propósitos do templo. Conhecimentos de Vajramushti adicionados ao kung-fu antigo oriundo dos tempos de Huang Ti, eram ensinados ao povo com o nome de Kung Fu Shaolin, com o objetivo de ensinar-lhes a se defenderem do domínio dos oficiais corruptos do governo Manchu. Mas, entre os monges do Shaolin mantinha-se preservado o verdadeiro Vajramushti, que como recurso à meditação e ao desenvolvimento do espírito passou a ser chamado em chinês, “Chan Tao Chuan” (A arte dos Punhos no Caminho da Meditação).

O Budismo é uma doutrina que propõe a libertação dos sofrimentos e o caminho da gentileza de coração para todas as coisas vivas. Era natural que os budistas estivessem interessados na saúde e aumentar o número de seus seguidores. Assim eles fizeram grande utilização da medicina da época. Eles traduziram importantes documentos médicos indianos e trouxeram importantes valores culturais à China.

Assim, nos exercícios de respiração foi introduzida a técnica yogue para acalmar o espírito e relaxar as tensões. A medicina e o kung- fu, tornaram- se inseparáveis.

No século XII, o general Yo Fei da dinastia Sung, em conjunto com o monge Chia Yuan, desenvolveram uma série de cento e setenta e três movimentos, que foram a pedra fundamental para o karatê japonês.

Ainda segundo BULL (1995), a arte que permaneceu no templo Shaolin, hoje com o nome de Tai Chi, existe em duas formas, a Yin e a Yang, que unidos, realizam tudo que existe no mundo e no ser humano. Tudo deve estar em equilíbrio por estas duas energias.

Assim na China desenvolveram- se várias escolas de lutas que denominam Whu-Shu, sinônimo do Budô japonês a saber:

Kan-Shu – artes dos golpes traumáticos.

Tao-Shu – artes dos golpes de espadas.

Chi-shu – artes priorizando os arremessos.

Chiao-Li– artes com ênfase no corpo a corpo e nos estrangulamentos.

Chin-Na – artes com técnicas visando os pontos vitais.

I-Shu – artes que demonstram os movimentos clássicos das artes marciais.

Todas as lutas Chinesas foram profundamente influenciadas pelo Taoismo e o Budismo, que por sua vez influenciaram as artes e pensamento Japonês.

O I Ching que foi desenvolvido há muitos anos atrás na China, recebendo a influência de Confúcio, tornou-se um poderoso livro que influenciou toda a cultura oriental e especialmente as lutas marciais.

Até hoje é utilizado como oráculo e livro de sabedoria, como uma fonte inesgotável. Os princípios nele expostos formaram toda a doutrina de Lao-Tse, como Taoísmo, que transformou ou mesmo formou o pensamento da China e do Japão. O mundo é visto como uma seqüência de mutações, de ciclos por que passam todos os fenômenos. Nele se baseia a acupuntura, o Shiatsu, o Do-In. As artes marciais japonesas podem se dividir em três períodos, de acordo com SEVERINO (1988):

O período do Bujitsu, o tempo do Bugei, e o do Budô.

No tempo do Bujitsu, existiam as técnicas primitivas de lutas que eram usadas nas constantes guerras. Durante o século VII os japoneses adotaram a cultura chinesa como guia, copiando sua escrita, seu sistema hierarquizado, surgindo as classes militares e que se envolviam em freqüentes disputas. Era natural que se procurasse sistemas de práticas de defesa e ataque e que estas fossem desenvolvidas entre os guerreiros. O príncipe imperial Shotoki Taichu, (595- 621), quando houve a primeira influência do Budismo no Japão, não só favoreceu a sua expansão como encorajou também a penetração da cultura chinesa no país. Esta política, conforme já se disse, teve como consequência uma verdadeira reforma na administração e nas instituições, levando à formação de novos quadros que foram postos para funcionar, segundo o modelo chinês. O período termina no final do século VIII com o florescimento da civilização de Nara, primeira capital do Império.

O período de Bugei: surgiu como consequência desta necessidade militar, devido às guerras, e as práticas marciais foram classificadas a fim de promover uma diferenciação, surgindo várias escolas (Ryu), com os primeiros mestres famosos.

Com o estabelecimento do Bugei, que surgiu como consequência do Xogunato, (de 794 a 1615), iniciou-se a transferência da capital para Quioto. Mas é nesta época final do século IX, e início do X, que ocorre o enfraquecimento a autoridade imperial, e em 1185 a família Minamoto, tomou o poder. Verdadeiras dinastias de xoguns tomaram nas mãos o destino do país. Este período se estendeu até a dominação dos Tokugawa já em 1603. Na era Iedo, de 1615 a 1868, com os Tokugawa, transferiu-se a capital para Edo, a atual Tóquio.

O período do Budô: O Shogun, Ieyasu Tokugawa, estabeleceu seu governo em Edo. Com poder imenso instituiu-se no governo, passando-o para seus descendentes, e trazendo um longo período de paz e tranquilidade, graças à obediência que exigia dos chefes.

Com o domínio Tokugawa o Budô passou a ser usado mais como um princípio de educação, de ética, em se atingir um elevado estado de espírito, provavelmente devido às influências budistas semelhantemente ao que aconteceu na China. A partir daí a maior razão das artes marciais japonesas passaram a ser o trabalho nos próprios praticantes. Ao final do regime “Bafuku”, de Takugawa, o “Bojitsu ryuso rokui”, denominava pelo menos cento e cinquenta e nove escolas de jiu-jitsu, a maioria controlada por grandes famílias a serviço dos Tokugawas.

Segundo BULL (1995), no final do século XIX a situação ficou confusa com várias escolas fazendo a mesma coisa com nomes diferentes. Jiu-jitsu então era um nome genérico, englobando todas as técnicas de combate a mãos nuas (exceto o karatê, que chegou a Okinawa mais tarde, através da China). Para se ter uma idéia dos nomes que se atribuíam então ao jiu-jitsu com suas escolas, falava-se naquela época

de: Chogusoku, Genkutsu, Gusoku, Chicra Kurabe, Natushi, Kokusoku, Kempo, Toride Yawara, Wajitsu, Shikaku, Koshi No Mawari, Aikijitsu, Taijitsu, Hakuda. Estas práticas todas englobavam o combate com armas. É conveniente acrescentar a esta lista as numerosas escolas de Bu Jitsu, notadamente o Ken Jitsu, o Lai Jitsu (sabre). Nascia a célebre “Tenshin-Shoden Katori-Shinto-Ryu”, escola de artes marciais que existe até os nossos dias, onde são encontrados os grandes “experts” do “kataná” e do “naginata”, técnicas de uso de espadas. Esta lista além do registro histórico serve para mostrar a grande variedade de nomes e escolas existentes no fim do século XIX, e também, para demonstrar que até então não existia o jiu-jitsu, mas “os jiu-jitsu”, com suas complexidades aumentando, através dos séculos com novas idéias e novos fundadores.

Se o jiu-jitsu apareceu antes da escrita é difícil saber.

Ainda segundo BULL (1995), existem três versões possíveis, ou provavelmente sejam as três hipóteses possíveis.

A primeira, é que ele tenha nascido dos nativos japoneses, através de uma necessidade de sobrevivência, lutando contra animais e outras tribos. A segunda que ele tenha vindo da China, através da expansão do Budismo, como visto anteriormente. A terceira é que ele seja uma combinação das duas primeiras hipóteses.

Segundo BULL (1995) e SEVERINO (1988) é provável que a última seja a correta. É quase certo que a influência chinesa se tenha dado com a vinda do Budismo para o Japão, principalmente do Budismo Zen, impregnado de kung-fu conforme já vimos.

Existe outra versão de um monge budista de nome Ennin, do monte Hiei, que foi à China de 838 a 847 e que ficou na vilas Loang e Kai Feng próximas ao Shaolin, voltando posteriormente ao Japão, divulgando as técnicas de kung-fu aprendidas no templo. Outra história da influência chinesa, já mais recente, de 1587 a 1670 um chinês de nome Chin Gempim, que posteriormente se naturalizou Japonês, trouxe o Go-Ti e o Chin-Na , duas formas de kung-fu (Kakutei Jutsu, em japonês) e ensinou a sua arte a três samurais, a saber: Fukuno Masakatsu, (ou Hichiroemon), Miura Yoshitatsu (ou Yojiemon) e Isoegai Jirozaemon, cada um dos três fundou sua própria escola, e são considerados os patriarcas do jiu-jitsu. De qualquer forma, seja qual for a história verdadeira, uma coisa é certa: foram eles que motivaram a expansão do jiu-jitsu no Japão.

Um outro personagem rival no gênese do jiu-jitsu foi um médico de Nagasaki, denominado Shirobei Akiama. Ele estudou três métodos de lutas e vinte e oito técnicas de Shiatsu, fundando uma escola impressionado com a flexibilidade das árvores do salgueiro, que dobravam ao sabor do vento e não quebravam, contrariamente aos pinheiros, que resistiam até quebrar. Ele fundou a famosa Yoshin Ryu. É importante lembrar que um fator histórico que ajudou o desenvolvimento do jiu-jitsu foi um feito de Hideyoshi em 1588, que desarmou o clero e a nobreza da época, aumentando a prática de defesa com objetivos comuns e mãos nuas.

De qualquer forma, foi sob a influência dos Tokugawa que o jiu-jitsu floresceu e se desenvolveu, surgindo vários estilos e escolas que serão analisadas a seguir. Esta história da forma com que Shirobei Akiama se impressionou com a flexibilidade da árvore do salgueiro, é bastante conhecida entre os praticantes de judô,

que frequentemente, atribuem erroneamente esta observação à Jigoro Kano, que apareceu muito mais tarde, agrupando uma série de estilos de jiu-jitsu e técnicas de sumô japonês, fazendo nascer o extraordinário judô.

Conforme vimos, existiam no Japão, vários estilos de jiu-jitsu com suas escolas e fundadores. Vamos falar dos principais, segundo cita BULL (1995):

TAKEONOUCHI RYU

A origem deste estilo é fundamentada na história de que em 1532 um guerreiro de alto gabarito chamado Hisamori, filho de um governador, partiu para o templo de Sannomiya, na província de Okayama, para estudar o “Bokken” e “Jo”. Lá, solitariamente, durante sete dias, praticou com o “Bokken”, batendo nas árvores da floresta, até a completa exaustão, adormecendo sobre seu “Bokken”. No sonho que sucedeu, apareceu-lhe um “Yamabushi” (guerreiro que vivia nas montanhas), e lhe demonstrou técnicas maravilhosas que lhe deslumbraram. Acordando, ele resolveu divulgá-las. Mudou de nome para Toichiro Takenouchi, fundou a escola que levou seu nome, e morreu aos cinquenta e um anos, tendo sido professor famoso de muitos samurais de vários clans. Ao lado do jiu-jitsu, esta escola praticava também o “jo-jitsu”, “naginata” e “tsukabukuro” (sabre curto). O filho caçula deste fundador foi companheiro do famoso espadachim Miyamoto Musashi. Nesta escola, seiscentas e trinta técnicas foram ensinadas de pai para filho, cuidadosamente preservadas até o décimo terceiro descendente, que se denomina também Toichiro Takenouchi. Atualmente as técnicas foram reduzidas para cento e cinquenta.

YOSHIN RYU

Duas versões existem para explicar esta escola. A primeira, já se falou sobre a história da árvore do salgueiro. Uma segunda versão é a que um médico chamado Yoshin Muira desenvolveu setenta técnicas (após grande período de meditação, no qual desenvolveu de maneira brilhante o princípio da flexibilidade) para cultivar o corpo e o espírito, pois ele acreditava que as doenças eram motivadas por um desequilíbrio entre ambos. Ele teve dois discípulos que fundaram duas escolas: a Yoshin Ryu e a Miura Ryu.

KITO RYU

Escola mais importante que a Yoshin Ryu, e que influenciou profundamente Jigoro Kano em sua síntese do antigo jiu-jitsu. Ela veio de um dos três samurais formados pelo chinês Chin Gempin, chamado Fukino Masakatsu, que denominou sua escola de Fukuno Ryu. Posteriormente era alterado seu nome para “Ryu-shinto-shinto-ryu Wajitsu”, por Heizamon Terada, aluno de Fukino. Com o tempo acabou sendo denominada Kito Ryu. Bem cedo esta escola tinha por princípio a busca dos elementos espirituais. Ela se baseava na idéia do “Wa”, no sentido de se ligar ao adversário, como cola. Para dominá-lo, era bem parecida com o estilo do aiki-jitsu. Tsunetoshi Likuno e Tosawa Tokusaburo foram seus dois grandes nomes do século XIX. O primeiro ensinou a Jigoro Kano, e o segundo a Uyeshiba, o fundador do aikido.

SOSOISHITSU RYU

Esta escola foi fundada por volta de 1650 pelo samurai Fugatami Misanori Hannosuke. Ela derivou do Takenouchi- ryu . Seu fundador somente a revelou após passar tempos de meditação nas montanhas. Sua arte foi transmitida a Shitama Hataishi que passou para seus descendentes.

SEKIGUSHI RYU

Este estilo foi obra de Jushin Sekigushi que combinou as técnicas do manejo da sabre que dominava. Esta escola foi atribuída a Yedo.

KUSHIN RYU

Depois de estudar Kito Ryu, por volta de 1720, sob a tutela de Takino Inugami, Nagayasu fundou esta escola em Yedo.

Resumidamente estas eram as principais escolas de jiu-jitsu japonês no final do século XIX. Existiam ainda escolas de aiki-jitsu e o kempo, espécie de karatê originário da China. É importante salientar que quando se fala de jiu-jitsu e aiki-jitsu, existe uma diferença fundamental entre os dois, apesar de parecerem semelhantes. Para começar, o aiki-jitsu, já existia desde o século XIII da época de kamakura.

O Daito Aiki JiuJitsu, segundo BULL (1995) foi fundado pelo Príncipe Tei Jun, o sexto filho do imperador Seiwa (850 – 880 A.D.). Através do príncipe Tsunemoto, ela foi ensinada a gerações sucessivas da família Minamoto. A arte foi se desenvolvendo até chegar a Shinra Saburo Yoshimitsu, o irmão mais jovem de

Yoshiie Minamoto, ele inclusive desenvolveu significativamente a arte deixando-a quase como é praticada atualmente. Yoshimitsu era um homem de extraordinária habilidade e conhecimento, e diz-se que ele desenvolveu as técnicas observando uma aranha apanhar uma mosca em sua fina rede. Ele estudava anatomia dissecando os corpos das pessoas mortas na guerra e criminosos condenados `a morte. A sua casa, a mansão Daito, inspirou o nome do sistema de luta que se dominou então Daito Aiki Jiu-Jitsu. O segundo filho que se chamava Yoshikiyo, viveu em Takeda, na província de Kai, e provavelmente ficou conhecido por este nome. Em 1574 Takeda Kunitsugu mudou-se para Aizu e as técnicas foram passadas através de seus descendentes, estas ficaram conhecidas como técnicas do clã Aizu. Evidentemente como a espada era uma arte para os nobres, o Aiki-jiu-jitsu, sempre foi uma arte da elite, contrariamente ao jiu-jitsu que era também praticado pelas classes inferiores. No Aiki-jiu-jitsu, segundo BULL (1995), existe todo um conceito filosófico em vencer através do estudo da situação criada pelo inimigo, unindo-se com ele e aproveitando-se das forças por ele criadas. Utiliza o princípio da ação conjunta dos contrários yin e yang. Surge em seguida dois nomes importantes: o primeiro é Toto Tamanemon Tadayoshi, (1644-1736) fundador da escola Daito- Ryu, onde ele ensinava o Daito Aiki jiu-jitsu, para os membros do clã Aizu, a partir do ano de 1671. O segundo nome importante foi Takeda Takumi No Kamisoemon (1758-1853), um intelectual chinês que conhecia a arte do combate, bem como o Taoísmo, e que também ensinava os guerreiros do clã Aizu. As técnicas de Takeda começaram a aparecer como Takeda- Ryu, e sua doutrina espiritual conhecida como Aiki In Yo Ho, (doutrina da harmonia do espírito baseada no yin e no yang), que tem muito a ver com o aikido de Uyeshiba. A síntese

original a partir do Daito-Ryu, Takeda Ryu , e a noção filosófica do Aiki, foi denominada “Oshikiushi”, e era ensinada somente aos samurais de elite do clã Aizu sempre fiéis às tradições e respeitando as regras do Buskido e foi assim se desenvolvendo até o ano de 1871.

Nesta época a revolução Meiji dissolveu os clãs. E os valorosos guerreiros do clã Aizu, foram dispersados, bem como o Aiki Jiu-Jitsu. A sobrevivência da arte Oshikiushi ficou atribuída a Saigo Tanomó Chikamasa (1829-1905), membro do clã decaído e também um padre xintoísta. Em 1834 ele conhece Shida Shiro com nove anos de idade e deposita nele todas as esperanças de ter o sucessor na arte, e a pessoa a quem seriam transferidos os segredos da mesma. Em 1881 Shida iniciou os estudos completos as arte Tem-Jin-Shinyo Ryu, sendo inclusive examinado por Jigoro Kano, que o nomeou seu assistente mais tarde na Kodokan. Shida casa com a filha de Saigo e adota o nome de Saigo Shiro, pelo qual será conhecido na história do judô. Em determinado momento foi obrigado a decidir entre o Oshikiushi e o judô. Na dúvida entre seus dois mestres, ele abandona as duas artes e passa a se dedicar ao Kyudo. Decepcionado, Saigo Tanomo procurou outra pessoa e encontrou Takeda Sokaku (1859-1943), em quem identificou uma pessoa digna de receber a técnica secreta. Takeda era inclusive um membro do clã Aizu, e um homem excepcional no domínio da arte do sabre. Era conhecido como “o pequeno demônio do clã Aizu”, devido a sua pequena estatura e extraordinária capacidade competitiva. Ele enfrentava a todos e os venciam. Em 1876, o sabre foi proibido no Japão e não havia mais lugar para o ken jitsu na moderna sociedade que chegava. Assim ele concordou em aprender o Oshikiushi, e o fez tão rapidamente que em pouco tempo dominava todas as técnicas.

Antes de Saigo morrer, fez Takeda prometer que difundiria a técnica. Assim Takeda foi para Hokkaido, a ilha setentrional do Japão, para instruir forças policiais, desde 1908. Por uma questão de prestígio, Takeda denominou sua escola de Daito Ryu, porém sua técnica não tinha mais nada a ver com a antiga escola. Takeda teve numerosos discípulos mas o mais eminente foram Morihei Ueyshiba e Tatasuto Yoshiba. Ueyshiba fundou o aikido, e o filho de Sokaku Takeda, Tokimune Takeda, abriu um dojo em Abashiri Hokkaiko e continua desenvolvendo a arte como o chefe da escola Daito Ryu no Japão.

Porém, nessa época da era Meiji (1868 a 1912), com os samurais sem direito de portar seus sabres e os combates entre nobres proibidos, o jiu-jitsu experimenta um período de decadência, pois a arte outrora secreta e guerreira passa a ser ensinada de maneira acidental e mercenária por samurais desempregados e até por bandidos, o que só lhe traz má reputação e desinteresse dos intelectuais.

Segundo VIRGÍLIO (1996), foi com Jigoro Kano que as artes marciais japonesas começaram a ser reformuladas, propiciando o renascimento do jiu-jitsu.

Nascido em Mikatse, na província de Hyogo (Kobe), em 1860, Kano pertencia a uma família de altos funcionários imperiais. Interessado pelas artes marciais desde a juventude, estudou jiu-jitsu Tenjin Shinyo e depois o estilo Kito Ryu. Em 1882 fundou seu primeiro dojo (que não tinha mais de doze tatames) no templo Eishô-ji de Tóquio. Sintetizou então as diversas técnicas utilizadas nas escolas de jiu-jitsu, eliminando as mais perigosas, para criar uma disciplina esportiva.

A pedido de Kano, uma grande demonstração de jiu-jitsu (na qual foram demonstrantes os alunos do velho Totsuka, do distrito de Tshiba, último reduto onde

o jiu-jitsu ainda sobrevivia com sua dignidade tradicional) ocorreu na Universidade de Tóquio. A repercussão do evento foi grande e favorável. Os intelectuais retornaram o interesse pelo jiu-jitsu e até senhoras da aristocracia demonstraram sua aprovação.

Jigoro Kano, por sua vez, deu demonstrações de judô na Europa, em 1889, e enviou vários instrutores a diversos países para divulgarem o novo esporte. Entre esses instrutores, que acabaram difundindo não apenas o judô, mas também o jiu-jitsu, estava o professor Mitsuyo Maeda que dos Estados Unidos passou por países da América do Sul, estabelecendo-se no Brasil com o nome de Conde Koma. Era judoka de quarto grau e mestre de grande prestígio.

A Chegada e Expansão do Jiu-jitsu no Brasil:

É impossível mencionar algo a respeito do jiu-jitsu no Brasil sem que haja alguma citação a respeito de Mitsuyo Maeda, o Conde Koma. Isso ocorre porque se deve a ele os primeiros contatos e ensinamentos dessa arte marcial aos brasileiros, sendo que entre seus alunos figurava um membro da família Gracie, que mais tarde desencadearia toda uma tradição no jiu-jitsu, criando inclusive um estilo próprio, como será visto posteriormente. Dessa forma, antes de continuar este capítulo, se faz justo conhecer mais profundamente a vida do homem que foi o introdutor do jiu-jitsu no Brasil, segundo nos conta VIRGÍLIO (1996):



Mitsuyo Maeda nasceu em 1880, na Vila de Fumagawa – província de Hirozaki, Japão. Com inata tendência para artes marciais, Maeda passou a desenvolver suas habilidades no sumô. A dedicação, todavia, não chegava a suprir a falta de peso corporal adequado, o que levou a optar por uma arte que não exigisse físico tão avantajado. Entrou para o Kodokan (atual Centro Mundial de Judô que, na época, unificava os vários estilos de jiu-jitsu). Sua carreira teve então início com uma série de desafios que não se

restringiram ao tatame e ao kimono branco, mas iriam ter lugar em terras estranhas e bem distantes de sua pátria.

De porte médio, cerca de setenta quilos e 1,64 metros., Maeda conseguiu tão impressionantes vitórias a ponto de ser conhecido no Japão, ainda hoje, como “homem das mil lutas”. Não há registros de derrota alguma que tenha sofrido. Consta, aliás, nos registros da Kodokan que, por volta de 1904, Maeda deixara de participar de eventos ou campeonatos promovidos pela entidade já que, estando no quarto grau é considerado imbatível por ter vencido todos os confrontos dos quais participara, tornando-se campeão japonês e mundial. Seria a vez de ceder oportunidades a outros lutadores.

Para se ter uma idéia de seu domínio técnico, o companheiro Sakake – figura de grande realce no sumô e que treinava também jiu-jitsu, apesar do exorbitante peso, encontrava uma “barreira intransponível” em Maeda.

A pedido do fundador do Judô, Jigoro Kano – que por sua vez atendia a solicitação do então presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt – Mitsuyo Maeda deixava o Japão rumo à América, juntamente com Tsunejiro Tomita (primeiro aluno de Kano) e Shinshiro Satake, para propagar o judô. Mas então as técnicas usadas eram, em grande parte, as do jiu-jitsu já que a nova modalidade ensaiava ainda fincar suas raízes.

No novo empreendimento Maeda aceitou inúmeros desafios e defrontou-se com inúmeros adversários ... quando as lutas não eram firmadas em regras pré-estabelecidas qualquer tipo de ação ou golpe era válido e a disputa só terminava quando um dos contendores se rendesse. Tal prática parecia fazer renascer o próprio

Japão antigo no espírito Shogun pelo qual o samurai entrava em uma contenda sem temer jamais a morte.

Em Nova York, Maeda obteve fantástica vitória ao derrotar o melhor lutador de luta- livre da época: “Butch Boy”, de cento e treze quilos e 1,80 metros. No México, ficaram famosas suas vitórias sobre um turco que o desafiara e, numa luta travada em plena arena, sobre um matador de touros habituado a eliminar aqueles animais a pancadas.

Em 1908, talvez não satisfeito em vencer a demais homens, Maeda seguiu para a Europa para percorrer distâncias outras, aprender costumes e idiomas. Penetrando pela Rússia, passou pela Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Bélgica e Espanha. Foi durante esse período que recebeu o codinome ou o título de “Conde Koma”, ou “Conde do Combate”, consta que por infligir duras derrotas a qualquer lutador que se dispusesse a enfrentá-lo.

Retornando à América, novamente pelo México, passou por Cuba e chegou ao Brasil, pelo porto de Santos, em 1913. Após atravessar várias cidades de nosso país, permaneceu em Belém, no Pará. Depois de algum tempo, todavia, volta para o Japão e lá se detém por mais dois anos até que retorna a Belém onde estabelece residência definitiva.

Seu dojo (recinto de treinamento citado anteriormente na página 19), construído em madeira, possuía cerca de dezesseis metros quadrados e nada mais que serragem fazia as vezes do tatame. Lá ensinava judô e jiu-jitsu a vários alunos, inclusive a um homem que viria a dar sequência àquele ensino, porém constituindo um jiu-jitsu próprio e extensivo a toda uma família que o perpetuaria através de

gerações: Carlos Gracie. Vale dizer que essa antiga academia de Maeda continua funcionando em Belém sob o comando de uma Segunda geração de discípulos.

Além de ensinar com desvelo sua arte marcial, segundo VIRGÍLIO (1996), Maeda tinha por sonho construir uma “segunda pátria”. Assim, para ajudar a imigração japonesa e como membro da organização do governo de sua terra que tratava desse setor, escolheu a Amazônia como local, a seu ver, ideal. Falta de entendimentos, incompatibilidade de mercado para com os produtos agrícolas, difícil adaptação dos japoneses na região (a maioria preferia se transferir para o sul e sudeste do país) e as doenças tropicais minavam suas esperanças, dia a dia. Ainda assim, Maeda não poupava esforços e ajudava os imigrantes a se adaptarem da melhor forma possível.

Com a revolução de 1930, porém, a maior parte dos japoneses abandonou o solo brasileiro e retornou ao Japão. Maeda permaneceu, mesmo depois de lhe serem tomados tomados cerca de dez mil hectares de terra anteriormente cedidos pelo governo paraense. Continuando seu trabalho de ensino, tornou-se tão querido por todos, sobretudo pelas crianças que sempre o rodeavam, que acabou por receber de volta a terra tomada.

Maeda chegou a casar-se com uma inglesa chamada Mary, mas não tendo descendentes adotou uma garotinha natural de Belém, Celeste, a quem amou como se fosse filha legítima.

Com problemas renais, viu-se tomado por incurável uremia que o levou à morte no dia vinte e oito de novembro de 1941, aos sessenta e um anos. Seu corpo foi sepultado no cemitério Santa Isabel em túmulo doado pelo governo do Pará.

O mérito de Mitsuyo Maeda perpetua-se e se perpetuará até quando, de uma forma ou de outra, viver a arte que trouxe do Japão e que aqui ensinou com tanta dedicação, dando base ao que hoje chamamos Brazilian Jiu-Jitsu.

Maeda ao escolher Belém do Pará para viver veio a contribuir para uma coincidência a qual desencadearia uma revolução no jiu-jitsu moderno: o fato da família Gracie, então Gastão Gracie e seus cinco filhos (Carlos, George, Osvaldo, Gastão Jr. e Hélio) morarem lá também. Homem influente, o patriarca dos Gracie conheceu Maeda, ajudando-lhe na nova cidade e logo conquistando sua amizade.

Certo dia e como gratidão ao amigo, Maeda decide ensinar o jiu-jitsu ao filho mais velho de Gastão, Carlos. Este logo se interessou, e em pouco tempo dominava com perfeição todas as técnicas, logo começando a ensinar também aos irmãos. Era o início de um clã que dominaria o meio das lutas no Brasil, e posteriormente, no mundo.

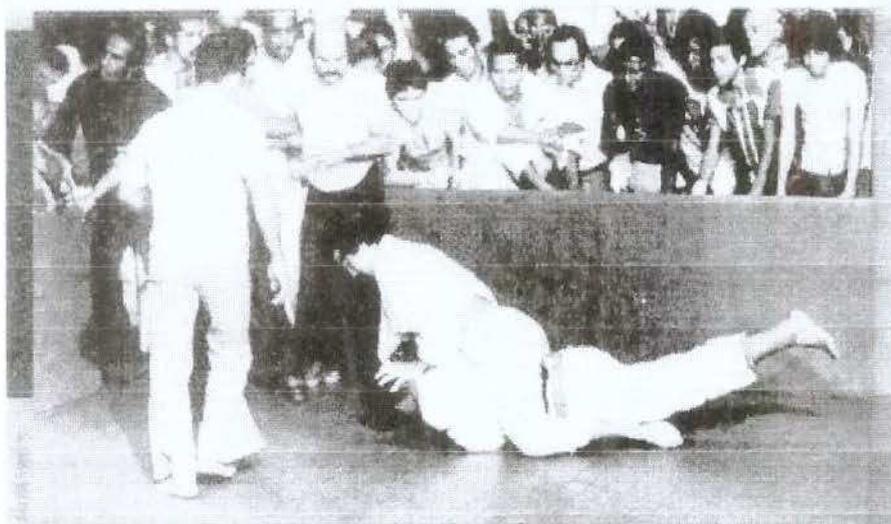
Hélio Gracie tem uma história à parte. Segundo GURGEL (2000), o criador do chamado Brazilian Jiu-Jitsu desenvolveu novas técnicas, tão eficientes a ponto de serem reconhecidas como perfeitas pelos entusiastas das artes marciais. Porém, no início, Hélio tinha restrições médicas que o impedia de praticar atividades físicas muito intensas devido ao seu físico fraco e a um problema, diagnosticado posteriormente, no seu sistema nervoso. Bastava iniciar uma prática mais exaustiva que desmaiava. Por outro lado, assistia a todas as aulas do irmão e desejava muito fazer aquilo. Um dia seu irmão se atrasou para uma aula e Hélio assumiu seu lugar, pois só de olhar sabia todo o programa a ser passado. O aluno gostou tanto que começou a querer aulas somente com Hélio, e assim o mesmo assumiu o lugar de

professor. Paralelamente, desenvolveu um método adaptado do jiu-jitsu (devido ao seu físico fraco), que fazia uso da força e do peso do adversário como alavanca para os golpes de imobilização, deslocamentos e demais situações de combate, possibilitando que mesmo uma pessoa mais fraca e mais leve pudesse lutar em iguais condições com outra. Estava criado o que viria a ser chamado de Brazilian Jiu-Jitsu.

Hélio deu continuidade, e além de desbravar o árduo caminho para provar a eficácia do jiu-jitsu perante as outras lutas, realizando combates de vale tudo por todo o país, ainda conseguia manter a família inteira sob seu comando, treinando seus familiares para que o jiu-jitsu jamais ficasse sem representantes. E foi o que aconteceu, conforme nos conta GURGEL (2000): Hélio se despediu dos ringues aos quarenta e cinco anos, dando lugar ao segundo fenômeno da família, Carlson Gracie, que foi quem mais lutou vale tudo e, sem sofrer derrotas, instruiu excelentes alunos, contribuindo para a propagação do nome do jiu-jitsu. Porém, enquanto Carlson ganhava as lutas de vale tudo, Hélio já preparava seu sucessor. Rolls Gracie ganhou sua faixa preta com apenas dezesseis anos, e é considerado um elo entre o jiu-jitsu esportivo, como o vemos hoje, e o jiu-jitsu das lutas de rua. O caráter íntegro aliado à grande habilidade técnica contribuiu para que se tornasse um exemplo a ser seguido, conquistando grande popularidade e erguendo o nome do jiu-jitsu a um patamar mais elevado. Há os que o considerem um fator primordial para que a arte suave alcançasse a popularidade mundial que hoje tem. Para entender melhor o porque, é necessário conhecer melhor a vida desse Gracie: Nos anos sessenta, houve a proibição do programa "Heróis do Ringue", de luta-livre (o vale-tudo de hoje em dia), e o jiu-jitsu sofreu um grande baque. Com o abandono da mídia, diminuía a repercussão dos

feitos de Carlos, Hélio, Carlson e os demais parentes e alunos da academia Gracie. Coincidiu com a época em que o judô se tornou esporte olímpico, e que o karatê estava em evidência, propagandeado pelos filmes americanos. Para uma retomada, o jiu-jitsu precisava de um campeão do esporte, alguém com técnica, carisma e liderança para influenciar uma geração de jovens, que a esta altura ou encontrava-se engajada na luta contra a ditadura militar ou totalmente alienada no Pier de Ipanema ou no Arpoador, muitas vezes ligada às drogas. Rolls Gracie assumiu esta responsabilidade.

Segundo artigo da revista GRACIE MAGAZINE (junho/1999), exemplo de persistência e habilidade, o garoto de nome estranho (pronuncia-se Rolis) se esforçou para ser o melhor da época: introduziu a preparação física no seu treinamento e golpes de outras modalidades de luta no seu repertório. Estimulou a realização de competições de jiu-jitsu esportivo e se aproximou dos contemporâneos praticando surf e asa delta. Tornou-se formador de opinião de centenas de jovens da zona sul do Rio de Janeiro.



Ao lado, Rolls se preparando para finalizar o adversário num desafio jiu-jitsu x karatê, no Clube Olímpico, RJ, na década de setenta.

Viajou o mundo em busca de conhecimento, apresentou seu estilo e disputou sambo (luta de origem russa semelhante ao jiu-jitsu) e luta olímpica em outros países. Aonde passava, impressionava a todos com a versatilidade e velocidade que usava seus menos de setenta quilos, seja para uma ida para as costas, um seoi agachado ou uma remada entre ondas gigantes. Fora do plano esportivo, conquistava qualquer um com seu carisma, coração e cultura. O filho de Carlos criado por Hélio era o ponto de equilíbrio da família Gracie.

Mas, no auge da forma e das conquistas, um traiçoeiro morro em Visconde de Mauá, cidade interiorana do Rio de Janeiro, foi o cenário para a embicada de uma asa delta emprestada que tirou de cena o ídolo dos anos setenta, de forma tão impressionante quanto suas lutas relâmpago, e com apenas trinta e um anos de idade. O campeão deixou uma geração de órfãos, mas que sem dúvida aprenderam com seu exemplo e percebem sua importância na história do jiu-jitsu no Brasil, fazendo com que as academias proliferassem (as famosas Alliance e a Gracie Barra são extensões da academia mantida por Rolls na década de setenta, que se expandiram chegando à atualidade, com muitas filiais no Brasil e no exterior, principalmente nos Estados Unidos).

Esse acontecimento permeou o surgimento do quarto e atual fenômeno do jiu-jitsu, Rickson Gracie, lutador que alcançou fama mundial, conforme será visto posteriormente, e que levou o brazilian jiu-jitsu para fora do Brasil, tornando-o uma arte marcial respeitada por todos. Rickson reside atualmente na Califórnia, Estados Unidos, e seja através de lutas ou dando aulas em academias ou seminários, ainda continua contribuindo para que o jiu-jitsu se torne cada vez mais conhecido.

A Saída do Brasil e a Expansão no Exterior:

A fama da família Gracie já estava consolidada no Brasil em se tratando do universo das lutas. Os eventos do tipo do tipo vale tudo eram famosos, bem como os integrantes da família. Era tempo de expandir, buscar novos horizontes.

Rorion Gracie, filho mais velho de Hélio, rapidamente percebeu essa necessidade. Aos dezessete anos, após uma viagem aos Estados Unidos, ele notou que lá havia um grande potencial para a prática de jiu-jitsu. Dessa forma, em meados dos anos setenta (após concluir sua graduação em direito) ele retornou aos Estados Unidos, dessa vez para ficar.

Em um país tão diversificado culturalmente, ele verificou que deveria chamar a atenção das pessoas, e principalmente dos praticantes de artes marciais, para a eficácia do jiu-jitsu de sua família. Somente utilizando a fórmula já consagrada anteriormente seria possível tornar a arte suave reconhecida e valorizada naquele país. Assim, ele criou o que ficou conhecido como “The Gracie Challenge”, ou o “Desafio Gracie”. Este evento se resumia a Rorion, que estava disposto a lutar contra qualquer pessoa, independente da luta praticado ou do peso da mesma, sem regras. Se seu oponente vencesse, ganharia cem mil dólares.

O nome Gracie, associado às técnicas de jiu-jitsu, se espalhou rapidamente. Rorion se tornou uma pessoa requisitada em Hollywood, treinando os dublês de Mel Gibson e Gene Russo para as cenas de luta do filme “Máquina Mortífera”, bem como o lutador de karatê e ator Chuck Norris. Agências de justiça estadual e federal o questionaram a respeito da possibilidade da criação de um programa específico para

treinar seus oficiais e agentes. O resultado foi o G.R.A.P.L.E., ou “Gracie Resisting Attack Procedures for Law Enforcement”. Ele treinou membros da marinha, das forças armadas, agentes da CIA, ATF e do Serviço Secreto norte americano.

Não satisfeito com seus feitos, criou em 1993 o “Ultimate Fighting Championship”, um torneio de vale tudo praticamente sem regras, disputado num ringue em forma de octógono com lutadores das mais diversas artes marciais. É descrito pelos especialistas como o mais controverso evento da década, pois despertou opiniões diversas nos espectadores, ao mesmo tempo em que se tornou o evento com maior crescimento em arrecadação na história da televisão no formato pay-per-view.

Inserido no contexto desse campeonato entra Royce Gracie, irmão de Rorion, que participou de três edições do evento, ganhando as três. O que mais espantou os telespectadores e organizadores do Ultimate (com exceção de Rorion) foi a extrema eficácia da técnica utilizada por Royce, que subjugou adversários muito maiores e mais pesados sem apenas o uso da força física, mas essencialmente através de imobilizações.

A partir desse momento, através de Royce, Rorion, e posteriormente Rickson, o brazilian jiu-jitsu experimentou um surto de crescimento sem precedentes, no Brasil e no exterior. Milhares de pessoas se tornaram adeptas dessa prática, e o número de academias cresceu exponencialmente. Seja nos Estados Unidos, na europa ou no Japão, a procura pela prática da arte suave se tornou uma constante, e os integrantes da família Gracie, em especial Royce e Rickson, se tornaram ídolos, e atualmente são reconhecidos mundialmente, principalmente no Japão, onde Rickson é

muito respeitado, não apenas pelo caráter e seriedade que tem demonstrado, sendo a referência principal do jiu-jitsu atual, mas também por haver derrotado duas vezes o campeão e ídolo japonês Nobuhiko Takada.

Atualmente as academias de brazilian jiu-jitsu cresceram muito nos Estados Unidos, motivo pelo qual grande parte da família reside lá. São muito requisitados para ministrar cursos e seminários, e têm se esforçado para levar o nome da arte suave a todas as pessoas, principalmente àqueles que nunca tiveram nenhum contato com a mesma. Por conta disso, calcula-se que somente nos Estados Unidos, seu maior mercado, a marca Gracie movimenta vinte milhões de dólares por ano (REVISTA VEJA 2000), sendo esse montante a soma do que se arrecada com todos os produtos que levam o sobrenome, como fitas de vídeo, grifes de roupas esportivas e mais as academias, seminários, cursos e apresentações dos campeões da família em eventos de vale tudo.

A esportivização do jiu-jitsu:

O jiu-jitsu atual é muito diferente do jiu-jitsu de outrora. Como visto anteriormente, era mais que uma forma de defesa, seu aspecto filosófico era muito considerado, a ponto de ser transmitido por gerações a fio como algo sagrado.

Porém, nossa sociedade ocidental e capitalista, é baseada na necessidade do consumo, promovendo um processo de massificação o qual atinge nosso cotidiano de forma direta, e as artes marciais não fogem desse contexto. Nesse processo, há uma certa descaracterização do que consiste as artes marciais em sua essência, que se trata justamente deste embasamento filosófico, voltado para a prática do “lutar para não lutar”, para a consciência interior e paz entre os semelhantes. O que se percebe com isso é que o jiu-jitsu tem sido levado para o que se pode chamar de esportivização do mesmo, que nada mais é que determinar regras e padrões para transformá-lo num espetáculo esportivo que seja atrativo ao público, à mídia e aos patrocinadores.

Assim, a prática da arte suave pode ser encontrada nas academias num formato voltado para as competições. Os alunos são graduados em faixas, na seguinte ordem crescente de experiência: faixa branca, faixa amarela, faixa laranja, faixa verde (estas três últimas somente para menores de dezesseis anos), faixa azul, faixa roxa, faixa marrom e faixa preta. Há graduações entre as faixas, normalmente quatro, dessa forma se passa por quatro estágios antes de mudar de faixa.

Basicamente os praticantes se limitam a um treino físico, voltado para o aquecimento e condicionamento, seguido de uma parte técnica, onde são executados os movimentos característicos da luta, como raspagens, chaves e torções, finalizando

com lutas entre os alunos. Nos campeonatos, as lutas têm um certo tempo, e pode-se vencer por desistência, por pontos, por vantagem ou através de decisão do juiz. Diferentemente do Judô, no jiu-jitsu as lutas são quase que sempre finalizadas no chão. Para compreender melhor como funciona esse sistema, segue uma breve descrição de algumas regras inerentes ao jiu-jitsu:

Regras de Competição e Caracterização de Posição (segundo a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu):

Desistência: termina a luta

Quando um adversário bater com a mão consecutivamente no tatame, termina a luta pois será considerada a desistência, geralmente ocorrida quando um golpe é aplicado com perfeição no adversário.

Decisão por pontos:

Quando não há desistência, o árbitro somará os pontos obtidos pelos competidores para definir o vencedor.

Decisão por vantagem:

Quando não houver pontuação entre os competidores, ou estiver empatado, a vitória será decidida por vantagens obtidas no combate.

Decisão por juiz:

Quando a luta terminar empatada em todos os critérios, o juiz decide quem é o vitorioso. Neste caso, será usado o critério de maior combatividade.

Montada (vale quatro pontos):

Montada é quando você senta na barriga do adversário que está com as costas e a cabeça no chão (o adversário deve tentar sair da montada e se proteger), pois esta é a posição onde a maior parte dos golpes pode ser aplicada.

Montada pelas costas (vale quatro pontos):

Parecido com a montada, só que oponente está de barriga para o chão.

Pegada pelas costas (vale quatro pontos):

É quando o você pega o adversário por trás enganchando-o com os dois pés, parecido com uma montada por trás.

Passagem de guarda (vale quatro pontos):

Guarda é a posição onde um adversário está ajoelhado e você o prende entre as suas pernas (dizemos que o adversário está na sua guarda). Passar a guarda é quando você sai da guarda do adversário e vai para uma imobilização ou para a montada usando várias técnicas para isto.

Queda (vale dois pontos):

Quando em posição inicial ou os dois se levantam, o adversário é derrubado com uma das muitas quedas existentes.

Joelho na barriga (vale dois pontos):

Quando você está imobilizando o adversário lateralmente e estiver com dificuldades de montar, use o joelho na barriga ou no estômago segurando o adversário e fazendo postura (por três segundos para ganhar os pontos).

Raspagem (vale dois pontos):

Usando as pernas para reverter o oponente em sua guarda para uma posição melhor nisto acaba-se ficando por cima.

São cada vez mais freqüentes os campeonatos de jiu-jitsu. A contínua expansão da arte suave no Brasil e no mundo fez que sejam periódicos campeonatos importantes como o Pan-Americano e o Mundial. O Brasil tem se destacado sempre, fato devido principalmente à tradição do país nessa prática, fazendo parte de nossa cultura.

O jiu-jitsu atualmente: rumos

Como visto anteriormente, o jiu-jitsu mudou muito, se aproximando cada vez mais do esporte propriamente dito (apesar de originariamente ser um sistema de combate real), com um conjunto de regras e padrões próprios. Isso decorrente de um processo de massificação imposto por nossa sociedade, que acaba por afetar também as práticas que envolvem a cultura corporal. Porém, esse processo de massificação traz algumas conseqüências. Se por um lado o fenômeno de esportivização tende a aumentar o número de praticantes da modalidade, contribui também para que muitos estejam participando numa simples repetição de gestos técnicos, sem que aconteça uma reflexão crítica sobre a prática, que venha a contextualizá-la num plano maior, que é a própria vida do praticante, e não apenas voltando-se exclusivamente para as competições, as quais tendem a exaltar os vencedores em detrimento dos que perderam. Além disso, ocorre também uma descaracterização da arte marcial, trazendo-a a um âmbito esportivo no qual é esquecido o porque de praticá-la, o embasamento filosófico que há por trás da mesma, correndo o risco de se tornar apenas mais uma prática corporal sem correlação com a vida daquele que a pratica.

Cada vez mais se vê, como em qualquer outra modalidade, atletas de alto nível de jiu-jitsu, patrocinados por marcas esportivas que perceberam nesse mercado um nicho a ser explorado, formando assim uma intrincada teia de relações que pode ser questionável, como cita HUANG & LINCH (1993) a respeito do esporte espetáculo, que “ *tornou-se um grande negócio, e nesse processo o bem estar e a saúde dos*

esportistas são muitas vezes esquecidos. Eles tornam-se estatísticas, justificativas vivas e publicidade ambulante para as empresas patrocinadoras”.

O aumento decorrente de novos praticantes de jiu-jitsu traz à tona um outro problema, talvez mais sério que o anterior, já que às relações criadas e discutidas são inerentes a qualquer modalidade, e não são específicas da arte suave. O problema se refere à má formação dos professores de jiu-jitsu, fato comum atualmente, já que as academias estão proliferando, e cada vez mais profissionais sem o perfil adequado de um educador estão dando aula. Isso acarreta uma série de problemas, pois se um professor não orientar seu aluno adequadamente, atentando para os reais valores e preceitos das artes marciais, muito provavelmente ele irá (como acontece atualmente, haja vista as gangues de jiu-jitsu) visar apenas a violência física, se impondo através de brigas, numa visão errônea que infelizmente alguns professores insistem em transmitir, de que “lutador de jiu-jitsu é casca-grossa”, e que os meios de comunicação tendem a salientar. Isso influencia negativamente e contribui para que as pessoas leigas façam uma idéia confusa do que é o verdadeiro jiu-jitsu, confundindo-o com o vale tudo, com briga de rua.

É preciso uma mudança de atitude para que seja esclarecida e resgatada a imagem da arte suave, mostrando realmente a essência da mesma. Acontecendo isso, com certeza mais e mais pessoas procurarão praticá-la, porém visando a busca de harmonia e bem estar que o jiu-jitsu proporciona a seus praticantes, além do seu aspecto de defesa pessoal, que vem a se firmar como uma das mais eficazes em lutas desarmadas, de modo que se possa subjugar um adversário servindo-se de um mínimo de força.

Discussão Final:

Por fim, é importante dizer que a prática do vale tudo não corresponde e muito menos representa o que é o jiu-jitsu, pois o mesmo transcende o aspecto puramente físico para encontrar sua principal razão de ser na busca da harmonia interior da pessoa com o meio em que vive. Creio que não caberá aqui contextualizar a realidade do vale tudo, pois é algo mais ligado ao consumo da violência como forma de entretenimento, porém se faz necessário atentar para o dia-a-dia das aulas em academias de jiu-jitsu: é preciso que haja uma proposta pedagógica que venha a dar embasamento e contextualizar a modalidade com os preceitos da cultura corporal e da educação física, evitando assim a imagem equivocada de ser uma “luta voltada para a briga”. É preciso, dentro desse contexto, trabalhar uma proposta pedagógica para o ensino do jiu-jitsu. Com isso, e contando com o fenômeno de esportivização da modalidade, espera-se que o jiu-jitsu alcance patamares sempre mais elevados, obtendo o devido reconhecimento no âmbito esportivo.

Talvez dentro de poucos anos seja possível ver atletas brasileiros, praticantes de jiu-jitsu, disputando uma medalha olímpica. É um longo caminho a ser trilhado, mas antes de mais nada é preciso estar no caminho certo.

Bibliografia:

BULL, W. *Aikido: O caminho da sabedoria*. São Paulo, Editora Pensamento, 1995

GURGEL, F. *Jiu-jitsu: Manual do Jiu-jitsu*. Rio de Janeiro, Editora Tatame, 2000

HUANG, A.C. & LINCH J. *O Tao do Esporte*. São Paulo, Best Seller, 1993

VIRGÍLIO, S. *A Arte do Judô*. Campinas, Papirus, 1986

SEVERINO, R. *O Espírito das Artes Marciais*. São Paulo, Editora Ícone, 1988

Artigos:

ATALLA, L. Rolls, A Lenda da Família Gracie em *Revista Gracie Magazine* (p. 28 – 37) Rio de Janeiro, Junho, 1999

VIRGÍLIO, S. Conde Koma, O Introdutor do Jiu-Jitsu no Brasil em *Revista Combatsport* (p. 26 – 27) São Paulo, 1996

FRANÇA, R. O Sucesso da Força em *Revista Veja* (p. 86 – 88) São Paulo, Novembro, 2000

Para maiores informações:

Websites:

Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu: www.cbjj.com.br

Brazilian Jiu-Jitsu: www.bjj.org